



Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)



Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L776 Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-339-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.399212707>

1. Literatura. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema. II. Título.

CDD 801

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O livro *Literatura e a Reflexão sobre Processos de Simbolização no Mundo* trata das diferentes simbologias que a literatura pode assumir nos diversos contextos históricos em que se apresenta. Sendo o papel da literatura a transcendência da experiência humana, os artigos que constituem os dezessete capítulos deste livro a tematizam e apresentam, em seu imenso campo teórico-crítico, diferentes abordagens metodológicas possíveis nos estudos literários.

Nesse sentido, há estudos desde a obra de José de Alencar e Machado de Assis até reflexões sobre o papel da literatura como formadora na escola hodiernamente. Há, ainda, estudos sobre autores modernistas, como Drummond, e contemporâneos, como Rubem Fonseca. Apesar de apresentar autores pouco estudados como *corpus*, como França Pinto e Alciene Ribeiro, não deixa os consagrados de lado, como Alberto Caeiro e os referidos autores romântico e realista brasileiros.

Assim, o volume reúne diferentes artigos que buscam entender a simbolização da literatura no mundo sob diversos vieses. Buscando, muitas vezes, entender seu papel formador na escola e, outras, arriscando interpretações ousadas da poesia de autores consagrados e pouco estudados, como referido anteriormente. Outrossim, as diferentes abordagens da literatura nos capítulos do volume apresentam algo em comum: a busca pelo entendimento sobre a literatura – sua função transcendental e possíveis leituras de diferentes autores.

Por fim, o livro busca colaborar para a comunidade científica no ramo dos estudos literários – graduandos, graduados, pós-graduandos, mestres e doutores – sobretudo no que diz respeito aos universos literários possíveis. Espera-se, assim, que seus artigos que compõem os capítulos – e seu grito uníssono quanto à importância dos estudos literários – corroborem para com a experiência científica em diferentes níveis acadêmicos.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A FALA DOS SERINGUEIROS AMAZÔNICOS NA FRONTEIRA BRASIL - BOLÍVIA

Francisco Marquelino Santana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127071>

CAPÍTULO 2..... 10

VERSOS DA TRADIÇÃO ORAL: UMA EXPERIÊNCIA POÉTICA COM AS QUADRINHAS POPULARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Rosana do Rêgo e Silva

Ana Rosa Costa Picanço Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127072>

CAPÍTULO 3..... 18

LITERATURA INFANTIL: ACESSO À CULTURA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Yaeko Nakadakari Tshako

Dagoberto Buim Arena

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto

Letícia Barboza Petrucelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127073>

CAPÍTULO 4..... 29

UM PRÍNCIPE NO JARDIM DAS ROSAS: ENTE E EXISTÊNCIA EM *O PEQUENO PRÍNCIPE* (1944)

Marcus Baccega

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127074>

CAPÍTULO 5..... 43

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EM DESTAQUE A APRENDIZAGEM A PARTIR DA LITERATURA

Elisangela Alves dos Reis

Marlene Sampaio da Silva Miranda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127075>

CAPÍTULO 6..... 58

A LITERATURA SEGUNDO ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE VÁRZEA GRANDE/MT

Simone Sanches Vicente Moraes

Soraya do Lago Albuquerque

Dolores Aparecida Garcia

Ninna Sanches Vicente da Costa

Yara Reis Cardoso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127076>

CAPÍTULO 7	71
A JUSTIÇA EM LUGAR DO CURTO-CIRCUITO DA VINGANÇA: UMA VISÃO DA <i>ORÉSTIA</i> E DA EDUCAÇÃO PÚBLICA PARA A EQUIDADE DE PAUL RICOEUR	
Hilda Helena Soares Bentes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127077	
CAPÍTULO 8	83
JUVENTUDE E CULTURA NO SÉCULO XXI: A LEITURA LITERÁRIA	
Rosimeiri Darc Cardoso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127078	
CAPÍTULO 9	92
PERDA GESTACIONAL E MORTALIDADE MATERNA COMO ELEMENTOS DE REDENÇÃO EM LUCÍOLA DE JOSÉ DE ALENCAR	
Tamara Cecília Rangel Gomes	
Lívia Vasconcelos de Andrade	
Clarisse Conceição Rangel Gomes	
José Alexandre	
Ethmar Vieira de Andrade Filho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127079	
CAPÍTULO 10	98
ENTRE LAÇOS E LANÇAS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA ATRAVÉS DA METAFICÇÃO HISTÓRICA DE <i>O RETRATO DO REI</i>	
Cristina Reis Maia	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270710	
CAPÍTULO 11	113
PATRIARCADO E PATERNIDADE EM HELENA DE MACHADO DE ASSIS	
Tamara Cecília Rangel Gomes	
Clarisse Conceição Rangel Gomes	
Lívia Vasconcelos de Andrade	
José Alexandre	
Ethmar Vieira de Andrade Filho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270711	
CAPÍTULO 12	120
SERVIDÃO, SUBMISSÃO E LIBERAÇÃO FEMININA EM CONTOS DE ALCIENE RIBEIRO	
Natália Tano Portela	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270712	
CAPÍTULO 13	127
ESCRITAS DO URBANO E DA VIOLÊNCIA NA CIDADE DIVIDIDA: ESTUDO DOS CONTOS A <i>ARTE DE ANDAR NAS RUAS, O COBRADOR</i> (E OUTROS CONTOS), DE RUBEM FONSECA	
Maria Iranilde Almeida Costa Pinheiro	

Francisca Carla Soares da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270713>

CAPÍTULO 14..... 141

A POESIA DO RIO-GRANDINO FRANÇA PINTO

Mateus Santana Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270714>

CAPÍTULO 15..... 149

O EROTISMO EM POEMAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Fábio Ferreira Lopes

Maria do Socorro Souza Silva

Maria Lidiana Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270715>

CAPÍTULO 16..... 158

A ONTOLOGIA DO SINGULAR NA POESIA DE ALBERTO CAEIRO

Marcos Vinício Guimaraes Giusti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270716>

CAPÍTULO 17..... 165

A MEDIDA DO MUNDO, DE DANIEL KEHLMANN: UMA VIAGEM ATRAVÉS DA CIÊNCIA

Carla Luciane Klos Schöninger

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270717>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 174

ÍNDICE REMISSIVO..... 175

CAPÍTULO 10

ENTRE LAÇOS E LANÇAS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA ATRAVÉS DA METAFICÇÃO HISTÓRICA DE *O RETRATO DO REI*

Data de aceite: 23/07/2021

Cristina Reis Maia

<http://lattes.cnpq.br/7930925378157440>

RESUMO: O presente artigo tem como foco problematizar a construção da identidade feminina na realidade brasileira a partir do romance *O retrato do rei*, de Ana Miranda. Fazendo uso da metahistória para o suprimento de lacunas e trabalhando com as diferentes versões históricas sobre descrições metapicturais de iconotextos, a obra reproduz uma diversidade de contextos, tornando-se pano de fundo para expressar a construção de papéis sociais que delineiam a identidade feminina. Esta construção viabiliza suprir lacunas e propor versões, propiciando a (re)contação da história e a resignificação do cotidiano. Eventualmente, as representações sociais emergidas são ressaltadas, de modo que, atravessadas por um novo olhar, permitam visibilizar as transformações ocorridas ao longo do tempo e/ou sua recorrência até os dias atuais. Aberta a perspectivas variadas – inclusive, atravessando a fronteira interartes –, sua narrativa enseja múltiplas possibilidades interpretativas. Nessa relação de limites tênues, explorar através da literatura a construção da identidade feminina em suas manifestações mais singulares, constitui um importante instrumento para o desvelamento da História e um significativo estímulo para uma análise crítica da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Metahistória. Identidade feminina. Representações sociais. *O retrato do*

rei. Ana Miranda.

BETWEEN TIES AND SPEARS: THE CONSTRUCTION OF FEMALE IDENTITY THROUGH HISTORICAL METAFICTION OF PORTRAIT OF THE KING

ABSTRACT: This article focuses on problematizing the construction of female identity in the Brazilian reality from the novel *The portrait of the king*, by Ana Miranda. Making use of metahistory to fill gaps and working with different historical versions on metapictorial descriptions of iconotexts, the work reproduces a diversity of contexts, becoming a backdrop for expressing the construction of social roles that outline female identity. This construction makes it possible to fill gaps and propose versions, providing the (re) telling of history and the re-signification of everyday life. Eventually, the emerged social representations are highlighted, so that, crossed by a new look, they allow to visualize the transformations that occurred over time and / or its recurrence until today. Open to varied perspectives – including, crossing the interart border – its narrative gives rise to multiple interpretive possibilities. In this relationship of tenuous limits, exploring through literature the construction of female identity in its most singular manifestations, constitutes an important instrument for the unveiling of History and a significant stimulus for a critical analysis of reality.

KEYWORDS: Metahistory. Female identity. Social representations. The portrait of the king. Ana Miranda.

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se a refletir sobre a identidade feminina, tendo como referência a obra *O retrato do rei* (MIRANDA, 2001). Buscaremos analisar como sua narrativa nos permite estudar as representações sociais instituídas sobre as mulheres, traçando comparações com o presente e fomentando o surgimento de múltiplas de interpretações através da (re)contação da História, exercitando o processo (trans)formador do pensamento.

O livro em questão aborda a Guerra dos Emboabas¹, ocorrência que marca a posse e ocupação das jazidas auríferas no Brasil Colonial, apresentando – ainda que de forma incipiente –, um sentimento de pertencimento territorial. Utilizando de pesquisas históricas, sob o uso do referencial metahistórico (HUTCHEON, 1991) e de descrições metapicturais de alto grau de saturação (LOUVEL, 2006), este episódio é recontado sob o protagonismo de uma mulher.

Focando nos papéis femininos desempenhados ao longo da história, a autora se utiliza da metaficção historiográfica para discutir sua função, recorrência e potencialidades. Para tanto, ela outorga uma liberdade na (re)construção da narrativa, problematizando os acontecimentos – ao trazer à luz diferentes versões da História (WHITE, 2001) e o enquadre subjetivo sobre o contexto em questão, contribui para o questionamento de “verdades absolutas” impostas (WHITE, 1991). Um processo que é facilitado através da apropriação (descritiva) de obras artísticas famosas, as quais, retratando cenas do cotidiano da época², permitem ao leitor uma imersão no contexto. Assim, o *link* estabelecido entre palavra e elementos figurativos, entre verbal e pictórico³, exalta os aspectos suplementares destas linguagens, salientando novas formas de composição e apreensão da realidade – a projeção da percepção do leitor sobre as descrições metapicturais, ajudando na complementação das lacunas deixadas pelo registro historiográfico oficial.

1 A palavra emboaba vem do tupi e significa “ave de pés emplumados”, uma alusão aos calçados utilizados pelos “forasteiros” que acorriam à região das minas em busca de riquezas (AFONSO, 2006). Mais do que um termo irônico, indicava o reconhecimento de pertencimento dos paulistas bandeirantes em relação às terras conquistadas, tornando os demais aventureiros “estrangeiros”. Representa uma noção de territorialidade que mais tarde evoluiria para a ideia de nacionalidade que culminaria na independência.

2 Sob a forma de iconotextos, estas representações integradas no trecho, flexibilizam o raciocínio unidimensional e a riqueza interpretativa. A inclusão desses elementos oferece uma melhor “visualização” e apropriação de seus conteúdos (LOUVEL, 2012), visto que as saturações picturais derivadas deles comporão o ambiente no qual a trama se desenrolará. O detalhamento destes iconotextos – em períodos curtos e precisos, como pequenos enxertos, fragmentos de um plano maior –, permearão todo o texto. Expressos sob uma linguagem viva e concisa que lembram pinceladas, eles evocam imagens de pinturas, esculturas e/ou construções, formando um eficiente quadro mental. As diversas referências pictóricas/arquiteturais que integram quebram protocolos de um pensamento acostumado à linearidade e desconstruem parâmetros instituídos na relação autor/leitor. Sua poética constitui-se como um processo marcado pelo hibridismo entre palavra e imagem. Servindo como pano de fundo para sustentar importantes discussões e reflexões de ordem social e cultural, esses *textos visuais* constituem-se enquanto uma mídia específica que norteará a percepção do leitor e implica, por si só, em um posicionamento político (CLÜVER, 2011).

3 As diversas referências pictóricas/arquiteturais que integram quebram protocolos de um pensamento acostumado à linearidade e desconstruem parâmetros instituídos na relação autor/leitor. Sua poética constitui-se como um processo marcado pelo hibridismo entre palavra e imagem. Servindo como pano de fundo para sustentar importantes discussões e reflexões de ordem social e cultural, esses *textos visuais* constituem-se enquanto uma mídia específica que norteará a percepção do leitor e implica, por si só, em um posicionamento político (CLÜVER, 2011).

Sob essa égide, *O retrato do rei* possibilita ao leitor não apenas deleitar-se com a riqueza narrativa (ECO, 2009), mas imergir na história do Brasil. Desconstruindo a falácia da continuidade temporal seu texto contextualiza os fatos, atualizando o passado – interpolando e sobrepondo temas e temporalidades, revisa conceitos, implodindo o modelo dicotômico de pensamento e promovendo a subversão do discurso tradicional (LOBO, 2011) – e viabilizando uma melhor compreensão do presente. Para além da mera leitura recreativa, ele instiga o leitor a problematizar os episódios relatados, promovendo uma análise crítica acerca dos acontecimentos.

Inscrita no interstício entre história, literatura e arte e direcionando a percepção daquele que lê sobre o cenário exposto, a obra introduz um olhar perscrutador, contribuindo para uma nova apreensão acerca da construção identitária feminina.

Ao nos apresentar a construção de (diversas) identidades femininas ao longo de sua trama nos permite uma reflexão acerca do processo de concepção, institucionalização e reprodução de tais categorias – a quem servem e porque permanecem atuais e recorrentes. Explorando a “interpelação entre a língua e a ideologia, o homem e a história”, tais categorias fazem uso de “uma construção social atrelada à materialidade dos objetos de conhecimento e às modalidades de intervenção da linguagem no processo de produção/reprodução de conhecimento” (GOMES et. al., 2017, p. 02). Nesta perspectiva, a inter-relação entre o discurso e a história fomenta uma flexibilidade interpretativa, propiciando um alinhamento entre real e ficcional que não apenas atrai a atenção do leitor, mas também discute temas relevantes. Por meio dessas estruturas, o texto vai nos apresentando uma enorme variedade de informações, (re)criando o contexto histórico representativo da época, indicando semelhanças com a atualidade, incitando o leitor a aprofundar-se no tema e, conseqüentemente, a desenvolver uma análise crítica.

A urdidura do seu enredo oferecendo um referencial crítico sobre tais predicamentos, possibilitando ao leitor estabelecer sentidos entre os fatos do passado e a atualidade, facilitando a compreensão da realidade em que se vive.

SOBRE FATOS E VERSÕES: O OLHAR SUBJETIVO DA HISTÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA(S) IDENTIDADE(S)

A História não é exclusiva nem inequívoca. Formada por discursos – muitos dos quais advindos de “coerções ideológicas” (FIORIN, 1993, p. 36) –, ela se constitui por atravessamentos diversos, sobre os quais representações sociais são construídas em meio a identificações e assimilações.

Considerando que a compreensão do ambiente em que vivemos é feita pela linguagem (BAKHTIN, 2011), traduzir apreensões diferenciadas da realidade geram variações sobre as mesmas (BERGER & LUCKMANN, 2004; STAM, 2006). Estas variações ou *versões* produzidas derivam de narrativas subjetivas sobre o contexto histórico-cultural,

e se constroem a partir de estratégias retóricas, metafóricas, ideológicas (MUNSLOW, 1997). Eventualmente, buscam assegurar a ascendência e o domínio de uma determinada visão de mundo sobre as demais, o que implica na idealização de identidades e papéis sociais, exercidos pelos atores sociais.

Dessa forma, embora toda sociedade possua seu próprio cânone, erigido a partir de um cabedal de práticas e condutas instituídas que delineiam certo padrão de comportamento e constituem diferentes narrativas, nenhuma delas é linear. Isto porque cada uma compreende uma história e se inscreve em um mosaico cultural que atravessa as fronteiras das relações sociopolíticas; evitada por subjetividades, vão além dos costumes e hábitos para descrever apreensões e expectativas pessoais e coletivas.

Tendo em vista esta concepção, a escolha da metaficção historiográfica como narrativa de *O retrato do rei* não é aleatória. Entre tantas opções, tem com foco problematizar a construção das diversas identidades femininas em um território em processo de colonização. Nesta premissa, a *recontação* da história abre um leque de possibilidades, as quais consistem em importantes instrumentos de produção de valores e de “verdades” que não podem ser deixados de ser analisados criticamente.

Sob tal parâmetro, temos como pano de fundo do enredo o painel sociopolítico sobre o qual se assenta a sociedade patriarcal do Brasil colonial às vésperas de uma importante insurreição. Desencadeada no início do século XVIII, a Guerra dos Emboabas permite à autora discorrer sobre a condição da mulher à época – os diversos papéis a ela designados –, discriminando os modos, condutas e costumes que vivenciavam, compondo o entrelace entre sua função e a conjuntura social. Comporta ainda, uma inevitável comparação sobre o passado e os dias atuais, traçando um paralelo entre a época colonial e a contemporânea apontando sutilmente, para as transformações e reincidências de tais comportamentos ao longo do tempo.

Ao retratar a guerra através da história de uma personagem feminina – com todas as suas nuances e implicações –, o livro recupera parte da construção da mentalidade e manifestação social da época. No entanto, apresenta também uma perspectiva analítica decorrente da incorporação de avaliações críticas posteriores ao discurso histórico. A junção dessas duas perspectivas conduz a uma versão original, inegavelmente subjetiva, e que proposital e subliminarmente sinaliza para questões a serem problematizadas.

Este caminho seguido pela autora faz refletir sobre a multiplicidade de narrativas geradas por um mesmo acontecimento e o motivo pelo qual apenas uma prevaleça sobre as demais. Isto porque a História não é apenas um compêndio de registros de ocorrências, mas um somatório abrangente e plurifacetado resultante de realidades e visões de mundo distintas construídas a partir de pontos de vista e concepções político-ideológicas diferentes.

Portanto, é através do olhar subjetivo de Ana Miranda que somos levados a tomar ciência sobre as diferentes formas identitárias que a figura feminina assume diante da estruturação social de seu tempo – desde a hierarquia estabelecida pelo cenário político e

econômico até o desempenho de determinado(s) papel(is). Papéis estes que constituirão *representações* acerca do que a sociedade espera de tais personagens, definindo um padrão (de condutas) específico – o que não significa que inexista outras opções, apenas que no jogo das relações de poder certas representações se sobrepõem à(s) outra(s), sobrepujando-a(s).

O CONTEXTO NARRATIVO E AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS

Assim, embora em primeiro plano, *O retrato do rei* aborde as articulações políticas que visavam assegurar o domínio sobre a extração mineradora e o projeto expansionista do território colonial, seu foco principal são representações sociais.

Mais do que retratar o confronto entre os descobridores do ouro e os demais aventureiros pela disputa dos direitos à exploração das jazidas e seus atravessamentos econômicos, seu cerne discursivo direciona-se para o painel no qual se desenha a sociedade da época. A introdução de elementos estéticos (telas, gravuras e obras arquitetônicas) na narrativa, permite a percepção da história sob um horizonte mais expandido, abrindo-se a novos diálogos. O interesse e a fruição despertados pelo texto (ECO, 2009), viabiliza resgatar e problematizar certos temas, auferindo novas informações e trazendo à baila reflexões antes despercebidas, sem perder a interlocução com o leitor.

Nesse contexto, cenas inteiras surgem inspiradas em telas, esculturas, arquiteturas... todas compostas enquanto iconotextos (LOUVEL, 2012) a partir de descrições metapicturais que se alternam para descortinar em pormenores diante dos olhos do leitor, iconografias ausentes, montando as cenografias necessárias para o desenvolvimento do enredo. Embora o seu fio condutor seja a disputa política de uma pintura pública⁴ do rei de Portugal (FARIA, 2014), o foco da história diz respeito à condição em que viviam as mulheres da época.

Em vista desse cenário, temos a projeção de dois eixos essenciais na narrativa. O primeiro volta-se para a capacidade da resignificação dos signos apresentados (EAGLETON, 2003), enquanto o segundo aborda a transversalidade da condição feminina.

Conquanto as resignificações atribuídas à pintura que nomeia o livro estejam em primeiro plano, também podemos percebê-las nas personagens femininas ao longo do enredo, já que estas são construídas a partir da incorporação de vários signos e identidades. De modo que uma única personagem comporte atributos que se estendam (por identificação) a várias outras personalidades, enriquecendo a interpretação de seus signos.

Como exemplo, podemos encontrar em sua protagonista uma fusão de diversas

⁴ Trata-se aqui de um “retrato de Corte”, considerado essencialmente um instrumento político, cuja função consistiria, essencialmente, em através da estampa desenvolvida, produzir um *marketing* da figura de autoridade, reproduzindo e estendendo simbolicamente a representação de seu poder (PIMENTEL, 2008).

biografias: D. Mariana de Lancastre, cuja trajetória é pontuada por uma miríade de situações que abarcam a existência de muitas mulheres ao longo da história, extrapolando a percepção unidimensional dos papéis sociais. Muitas das características que apresenta são reconstituídas a partir de uma bem-sucedida interseção entre diversas significações e simbologias (MAIA, 2018). Através dela, vemos retratadas as exigências, regras e comportamentos impostos pela sociedade, além das formas de resistência e ruptura de padrões impostos.

Esse processo se inicia pela seleção do seu nome. Contração de dois nomes femininos muito difundidos em países de referência religiosa judaico-cristã, Mariana representa a síntese do popular com o aristocrático, do sagrado com o profano. Desmembra-se em múltiplos significados que, acoplados, redundam em um perfeito *script*, capaz de definir os atributos e personalidade⁵ da persona que carrega seu nome. Já seu sobrenome faz alusão a uma antiga rainha-consorte da casa real portuguesa, Filipa de Lancastre (SOUSA, 1948). A escolha da nomenclatura promove um diálogo entre a figura da narrativa e as ideias que se pretendem abordar. No caso específico de D. Mariana de Lancastre, propõe uma ponte entre a nobreza⁶ (com seus privilégios) e a condição popular, abrangendo por representatividade, mulheres nas mais variadas condições.

De maneira semelhante, a sua história é constituída através da síntese de variados perfis femininos oriundos de lendas e relatos populares⁷, recortados e condensados (MAIA, 2018). Sua *performance* é complementada por atuações que traduzem de modo correlato sentimentos de temor e impetuosidade, fragilidade e potência, subordinação e emancipação. Mas, principalmente, compõe uma série de intertextualidades⁸ que traça uma relação entre as interpretações aparentes e os seus desdobramentos. Isto é, extrapolam a figura da

5 *Maria*, cuja interpretação seria senhora, reportaria à sua origem e *Ana*, indicaria a graça com que teria sido afortunada; em sentido inverso, seu nome também pode advir de corruptelas das palavras *mara*, a amarga, ou *mina*, fonte de água pura – que também faz uma intertextualidade com Minas (MAIA, 2019). Assim, *senhora da graça*, *graça amarga*, ou *senhora das minas*, todas podem se referir à mesma persona, mas também muitas outras que trilham caminhos semelhantes.

6 Mariana também seria o nome da rainha consorte de Portugal à época da narrativa – poderosa na vida pública, infeliz na vida privada. Condensando expectativas socialmente aceitas para as mulheres “de estirpe”, espelha a condição de muitas mulheres que vivencia(r)am a submissão devido a pressões culturais e econômicas.

7 Entre as várias referências utilizadas para a composição desta personagem, talvez a que mais chame a atenção seja a figura histórica da Condessa da Calheta e Capitoa do Funchal, D. Mariana de Alencastre Vasconcelos e Câmara, da qual a personagem assenhora-se do nome e função. Nobre por nascimento (era filha do Conde de Calheta) e por casamento (foi esposa de D. João Rodrigues de Vasconcelos), não se limitou ao papel imposto às mulheres de sua época e círculo social. Enfrentando diversas demandas judiciais, lutou para ser reconhecida na sucessão das terras da família diante da falta de descendência masculina, tendo ainda desempenhado importantes funções na Corte. Não só se tornou capitoa do Funchal – primeira e única mulher à frente de uma capitania –, como participou ativamente do processo de restauração da soberania portuguesa, ajudando a combater os castelhanos, arremetendo armas e munição entre o povo, organizando a defesa de sua cidadela e daqueles sob sua jurisdição (CAMPELO, 2002; VERÍSSIMO, 2008). Assim, como sua homônima, a protagonista toma as rédeas de sua existência, reescrevendo sua história.

8 No território das intertextualidades, esse prenome também faz referência à cidade mineira de Mariana (homenagem à referida rainha), que contrapõe a riqueza das jazidas auríferas à precariedade das condições de vida de seus habitantes. Alude ainda à personagem “Marianne” da obra “A Liberdade Guiando o Povo” do pintor Ferdinand Victor Eugène Delacroix, que empresta seu rosto para estampar os mais diversificados objetos cívicos, aludindo à efígie da liberdade evocada pela Revolução Francesa (MARIANNE, 2014).

personagem, delineando particularidades comuns a muitas outras mulheres.

Derivando de um *pot-pourri* de situações e características que evidenciam o(s) espaço(s) ocupado(s) pelas mulheres na sociedade, a ideação da personagem de D. Mariana de Lancastre amplia e amplifica as funções por elas exercidas. Esta forma de (re)contar a história – através de fragmentos de experiências distintas –, permite escapar do senso comum – de lugares cristalizados e papéis sociais pré-determinados –, para questionar a naturalização de práticas e conceitos instituídos. Por outro lado, permite “tornar ficcional o que pode ser matéria de ficção e relatar com fidelidade os fatos conhecidos ou já canonizados pelo discurso da história” (MORAES, 2003, p. 27), legitimando as possibilidades interpretativas.

Retratando as manifestações socioculturais que levam à construção (e reprodução) da identidade feminina, o texto levanta a discussão sobre a sua representatividade e relativa recorrência ao longo dos anos. Apesar de continuamente transformada em decorrência das representações ou interpelações oriundas dos sistemas culturais circundantes (HALL, 1987), a identidade que se constrói é formada por processos de identificações (HALL, 1999; WOODWARD, 2000). Processos estes marcados por um contexto relacional e dialógico, capaz de definir fronteiras internas e externas, individuais e coletivas (MENEZES, 2014).

Ao trabalhar sobre os registros da História, a narrativa contextualiza experiências do passado, atualizando problemas estruturais. Como consequência, promove uma nova maneira de pensar a realidade, produzindo reflexões e transformando a modalidade binária do pensamento.

ENTRELAÇANDO REFERÊNCIAS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA METAFICÇÃO HISTÓRICA *O RETRATO DO REI*

Focando as correlações de força e poder concebidas durante o período colonial brasileiro, *O retrato do rei* expõe questões relevantes sobre a realidade feminina. Repressão, discriminação entre classes e sexo, as distintas formas de religiosidade, o processo colonizador de mentalidades e as diferentes formas de autoritarismo e cerceamento são algumas das características da época que permanecem entre nós. O livro também constitui um importante referencial para reflexões acerca de expressões de violência e conquista de independência.

Mais do que um simples relato da história, essa produção discursiva engloba uma profusão de substratos subjetivos, interdisciplinares e suplementares que tecem novos sentidos e percepções. Recompondo parte do mosaico social no qual a personagem se insere, este processo a humaniza, desvelando-a a partir de sutilezas e cristalizações conceituais. Longe de torná-la inverossímil, revela a riqueza e heterogeneidade dos aspectos culturais, fazendo-a mais próxima da realidade atual, contribuindo para uma melhor percepção desta. Assim concebida, a revisitação do passado abre espaço para se

pensar o presente – expandindo os horizontes, ampliando as visões de mundo e buscando interpretar – e questionar – contextos instituídos.

Sob este aspecto, a elaboração de suas personagens reflete paradigmas estabelecidos, representando categorias distintas de mulheres dos mais variados estratos sociais.

Como exemplo desta proposta, a protagonista, D. Mariana de Lancastre, resume o espírito da época, encarnando diferentes representações: ela é nobre, mas analfabeta, a filha obediente que transgredir as regras, a mulher submissa que se torna independente... Essa concentração de tipologias variadas, contribui para a formulação do que se convencionou denominar identidade feminina – a qual, todavia, longe de se apresentar uniforme e previsivelmente, não comporta uma definição única e definitiva, florescendo de modo plurifacetado e abrangente. Inserida no contexto histórico de sua época, ela não escapa às convenções. Cumpre as funções socialmente estabelecidas de unir-se ainda muito nova em um casamento arranjado – vantajoso para a família, mas difícil para si –, submeter-se a figuras masculinas mais velhas – como o pai e o marido –, e buscar na religião aquilo que a cultura lhe recusava. No entanto, com o decorrer do enredo, gradativamente, vai ocorrendo seu empoderamento. Desenvolvendo uma série de atitudes e decisões inesperadas e contrárias ao que se convencionou esperar para seu gênero e classe, ela singra um percurso diametralmente oposto à sua narrativa inicial.

Entre laços e lanças, D. Mariana de Lancastre representa as duas faces de uma realidade mais abrangente. Condessa, de alta estirpe, vê-se empobrecida diante de uma sociedade vicejante em torno da descoberta do ouro na colônia por aventureiros desbravadores. Traçando uma comparação entre os dois mundos que representa (o da metrópole de origem e o da colônia que escolheu para viver), reporta ao pacto colonial e ao confronto de dois sistemas distintos que se sobrepõem. A intertextualidade que compõe entre o papel das mulheres e a sociedade colonial não é apenas elemento figurativo do enredo – ao contrário, constitui substrato para discutir o desenvolvimento socioeconômico e cultural da realidade apontada.

Por sua vez, o fato de D. Mariana de Lancastre encontrar-se auto exilada no Rio de Janeiro e com os vínculos familiares rompidos após o assassinato de seu marido estuprador, faz da protagonista porta-voz de uma realidade bastante comum: a objetificação feminina. Encontrar o pai em seu leito de morte na longínqua Minas Gerais constitui uma possibilidade de exercer seu poder de decisão e arbitrar sobre seu destino. Expor-se aos perigos de uma longa jornada rumo ao desconhecido (as terras ainda por desbravar das minas) corresponde a uma metáfora sobre o autoconhecimento e os enfrentamentos da vida diária. A expectativa de resolver questões pendentes com o pai é também a necessidade interna de se fazer ouvir e ser reconhecida. Extrapolando a esfera da aceitação social e familiar, estas questões indicam uma busca por identidade própria em um transcurso existencial que ultrapassa o íntimo e privado para alcançar uma representação coletiva.

Este abandono das funções cotidianas que a protagonista realiza em vista de um chamado imperativo de uma figura de autoridade masculina – no caso, o pai, mesmo este a tendo renegado –, revela o padrão sócio cultural que define as atribuições femininas. O desprendimento em abrir mão de benefícios e regalias em prol de terceiros reflete as eventuais prerrogativas que lhe são suprimidas.

Enquanto segue ao encontro da figura paterna, a protagonista apaixona-se (pelo seu guia, o desbravador emboaba Valentim) e pondera sobre o papel que ocupa na engrenagem social da história, buscando transpor certos paradigmas. A morte do pai e os desencontros com o alvo de seu desejo tornam a personagem uma herdeira sem recurso. Conquanto se torne legatária de uma data de ouro, a ela não cabe quaisquer recursos para explorá-la. Sua situação assemelha-se a de tantas outras mulheres – sejam elas ricas ou pobres, nobres ou plebeias –, cuja dependência é firmada por meio da privação dos meios de produção.

Em meio às questões existenciais e a certeza da guerra eminente, D. Mariana de Lancastre busca vencer por si só. Labutando em um território hostil, descreve as dificuldades que pesam sobre as mulheres de todos os tempos, raças e classes sociais, refletindo contradições do cotidiano. Tanto frágil como potente, enquanto colona e colonizadora, ela é acima de tudo uma mulher que toma a vida sob suas rédeas e trilha seu próprio caminho, fazendo suas próprias escolhas. Contraditoriamente às expectativas esperadas, sua relação com o sexo é ativa – nunca submissa. Seu comportamento assusta e afasta os homens. Seja com o marido – a quem mata por forçar sua posse – ou com os pretendentes que a rondam, ela busca uma autonomia que continuamente é negada ao seu gênero. Rompendo com as convenções sociais, ela questiona o critério da liberdade masculina, tomando medidas drásticas para assegurar sua conquista.

Entretanto, as transformações operadas por este avanço perceptivo são bloqueadas pelas circunstâncias que culminam com a eclosão da guerra, as quais põem em xeque as conquistas alcançadas. O início das batalhas e as convulsões sociais decorrentes fazem com que, empobrecida e solitária, a personagem almeje por segurança. Segurança essa representada pela presença protetiva (e estimulante) de Valentim e, na ausência deste, pela representação da única personalidade a quem se subordinaria – o rei. Mas uma vez que recebe a notícia de que Valentim estaria comprometido com outra, segue em busca daquele que, emblematicamente, justificaria seu lugar no mundo, mas que à esta altura já adornaria a sala do governo local – o retrato do rei.

Aproveitando-se das circunstâncias, a jovem resgata a tela, partindo para o interior das gerais. Novamente a protagonista empreende uma viagem, que desta vez a conduzirá a um caminho mais radical. A busca por uma identidade própria a leva a confrontar-se com as normas instituídas e utilizar da estratégia mais simbólica para contrapor-se a elas: o fogo⁹.

9 O fogo é um instrumento dúbio e plurivalente. Considerando ser ele um elemento de purificação, através do qual as dissidências são combatidas e eliminadas as eventuais controvérsias, sua utilização vem reforçar tanto a ideia de ani-

De posse do retrato, mas sem perspectivas, ao deparar-se com uma grande queimada na mata, segue nesta direção¹⁰.

Paralelamente a tal evento, o jovem enamorado parte à procura da amada, na esperança de encontrá-la. O ciclo que não se fecha e que eterniza o amor não concretizado é consubstanciado. A ele caberá a formulação da identidade feminina no tocante à resolução sentimental – a busca por autonomia e independência contrapondo-se ao desejo de casar e constituir uma família. Nesse sentido, a referência implícita no texto indica que o caminho seguido pela protagonista foi o de manter sua emancipação duramente conquistada.

Diante da sociedade patriarcal e colonialista a que pertencia, com suas regras rígidas e intolerância, D. Mariana de Lancastre se lança com voracidade para o novo mundo que se lhe descortinava. À medida que coteja os obstáculos que se apresentam, reformula sua vida, suas aspirações e posicionamentos. Deixa seu papel de submissa e coadjuvante para tornar-se senhora da história. E ao tornar-se mais senhora de si, põe em xeque os conceitos e determinações pelos quais foi formada, (re)significando certos paradigmas, gerando o que poderíamos chamar de *descolonização de ideário*. Implica dizer que sair do lugar comum, questionar valores instituídos, tem um preço (alto); mas o empoderamento que se realiza é irreversível.

Desta forma, a nobre frequentadora dos saraus, que confiava a amanuenses e administradores o controle de seus rendimentos, pode transformar-se naquela que se joga na maior de todas as aventuras – a busca de si mesma. Mais do que tentar a fortuna, era sua independência – minerando e se sustentando somente com o fruto de seu labor – a conquista suprema. Aquela a quem não foi permitido inteirar-se das letras e estudar, aprendeu a filosofar e questionar as convenções sociais. De mulher subjugada e vítima de violência a independente e respeitada, capaz de se reinventar e quebrar tabus, D. Mariana de Lancastre torna-se parâmetro para tantas outras em situações semelhantes. Para cada uma dessas mulheres há uma representatividade expressa. E quando a autora dá voz às suas personagens históricas e as contextualiza em meio às inferências estéticas, atualiza seus conflitos, traçando um quadro comparativo de fácil identificação.

O fato de o texto construir um paralelo sobre a busca por liberdade – comparando fundação de ideias que questionavam a obediência aos preceitos estabelecidos com a trajetória da protagonista para superar as opressões vividas em sua classe e gênero –, reforça o movimento de rompimento com as propostas colonizadoras. Entretanto, desconstruir a concepção colonial não implica em passar de pronto de colonizado a independente – representa um processo, no qual idas e vindas, avanços e retrocessos constituem partes de um todo em contínua formação.

quilamento quanto a de contestação, de renascimento e reconfiguração.

10 É importante ressaltar como, nesse contexto, a queimada representa uma alegoria de uma existência sem expectativa ou ainda uma possibilidade de redenção. É também através do fogo e de suas fogueiras que tais prerrogativas se manifestam enquanto uma grande expressão cênica de abordagem dramática para enfatizar as consequências que tais comportamentos acarretam.

Enfatizando pequenos gestos e ressaltando micro histórias, a autora descreve por meio da personagem o cotidiano, pondo em evidência as relações de poder que atravessam a rotina de tantas mulheres. Torna, assim, crível o especulativo, transformando em épico, o cotidiano (MAIA, 2015).

De modo que não se trata de um simples ato de ficção, mas de reinscrição social e problematização das experiências diárias. Essa quebra de paradigma representa uma ousadia diante de discursos instituídos até então inquestionáveis. (Re)contextualizado, o percurso desenvolvido por D. Mariana de Lancastre reflete condições e vivências de várias mulheres, traçando, de maneira resumida, um perfil identitário. Redimensionada, sua história assume uma nova compreensão, propondo-se a refletir sobre o engendramento dos acontecimentos – das transformações operadas socialmente às recorrências que se mantêm arraigadas –, oferecendo reinterpretções sobre o passado e estabelecendo ressignificações sobre o presente.

Conquanto *O retrato do rei* utilize de interfaces com variadas formas de representações, subvertendo intertextualidades, seu foco é a apresentação de diferentes perfis que constituirão a identidade feminina. Identidade esta construída através de retratos polimórficos e sobrepostos, coesos sob o talhe de suas personagens. Sua narrativa nos faz pensar sobre as semelhanças com os dias atuais, reportando questões que necessitam ser devidamente discutidas, como a repressão, a discriminação entre classes e sexo, as distintas formas de religiosidade, a acessibilidade aos meios culturais e ascensão social... Constitui, assim, um referencial para se discutir acerca de importantes temas como a reprodução de expressões de violência e as resistências e conquistas femininas no decurso da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retratar acontecimentos do passado através de representações iconográficas, *O retrato do rei* contribui para realçar determinadas situações e influenciar a percepção dos expectadores. Sua proposição de unir história e arte à ficção proporciona um viés único, permitindo-nos questionar os parâmetros instituídos, transpor os limites da intertextualidade e avançar para um entendimento crítico acerca dos fatos que subjazem aos eventos narrados.

Operando nos domínios da autoconsciência teórica sobre história e ficção enquanto incorporações da criação humana, a trama procura repensar e reelaborar formas e conteúdo do passado, subvertendo as convenções estabelecidas (HUTCHEON, 1991), cobrindo eventuais vácuos, preenchendo lacunas e, sobretudo, fazendo refletir sobre reiteradas intercorrências em nossa sociedade. Mesclando em sua composição aspectos ficcionais e de domínio público, *O retrato do rei* leva suas personagens a promoverem releituras e reescrituras do contexto em que se relacionam, proporcionando reflexões sobre o cotidiano.

Pluralizando os discursos da história, compõe uma rede complexa e discursiva, tendo seu texto atravessado por intertextualidades. Sob esta perspectiva, sua leitura exprime uma concepção revolucionária sobre o pensar, levantando importantes interrogações a serem discutidas e contribuindo para o enriquecimento da análise crítica sobre os acontecimentos. Ao ressignificar eventos e/ou multiplicar a atribuição de significados apresentados na narrativa, fornece uma melhor compreensão sobre os mesmos.

Sua ambientação com base nos recursos descritivos estéticos atua de forma suplementar, pondo em voga critérios perceptivos subjetivos. Já a apropriação de um instrumental estético serve não somente para enfatizar a narrativa, mas constitui, principalmente, um instrumento político que permite descortinar mais facilmente o cenário no qual se passa a história.

A sugestão oferecida pela autora de recontar a história a partir dos subsídios do presente, identificando fatos recorrentes e atualizando-os, conclama novas possibilidades interpretativas, de compreender e sopesar o contexto. Isto porque a narrativa desenvolvida através da metaficção historiográfica permite estimular o interesse e a pesquisa por temas relegados ao esquecimento, além de enriquecer e apurar o olhar para perspectivas não tão óbvias.

O produto desta “reelaboração crítica” do passado nos chega através da incorporação de subjetividades, discursos, referências, inspirações e adaptações, que avançam para além dos limites da linguagem poética e/ou estética, estendendo-lhe os sentidos e multiplicando-lhe os significados. E ao trazer para próximo da nossa realidade, padrões, conceitos e vivências de outra época, este processo leva o leitor a identificar semelhanças e ponderar sobre a pertinência e permanência destas condutas nos dias atuais, conferindo-lhes outra perspectiva – uma nova feição. Neste sentido, o texto se transmuta em uma fonte de denúncias e metáforas da atualidade, subvertendo as convenções estabelecidas, repensando o processo narrativo enquanto produto da criação humana, composto por diferentes subjetividades e interpretações.

Já os deslocamentos operacionalizados pela introdução de iconotextos ao longo de sua escrita, concretizam versões (e interpretações) sobre as descrições oferecidas, expandindo o leque de expressividade dos significados possíveis. Traduções de uma linguagem para outra, estas transposições são, frequentemente, marcadas por seu “caráter subversivo” (CLÜVER, 2006, p. 08). No livro, esta estratégia articula de forma orgânica arte, literatura e história para repensar conceitos e expandir horizontes, proporcionando a manifestação de intermedialidades e estimulando a produção de intertextualidades na enunciação do texto, de modo que estas sejam indissociáveis à consecução da história.

Quanto a protagonista da história, D. Mariana de Lancastre não é apenas a personagem forjada em um *patchwork* de exemplos factíveis e padrões teóricos interdisciplinares – ela representa as heterogêneas e multifacetadas vivências que compõem a identidade feminina. Ao ser construída a partir de outras tantas personagens

que vivenciaram situações de exclusão, superação, solidão e afetos, que foram sujeitadas ou decidiram o próprio destino, ela torna-se uma síntese das possibilidades experienciais. Traduzindo em seus movimentos versões e referências de outros sujeitos históricos, esta personagem articula e problematiza elementos de conformismo e resistência (CHAUÍ, 1996) em sua *performance*.

Muito mais complexa do que se imagina, a construção desta identidade tem raízes profundas: ela é definida historicamente, configurada no exercício de uma multiplicidade dinâmica de determinados papéis sociais. Isto é, une em seu âmago um rol de características referentes à vivências de mulheres distintas. E muito embora seja atravessada por individualidades que se entrelaçam, a representação que constitui acampa a coletividade.

Recontando a história a partir da desconstrução/reconstrução de pontos de vista e de atravessamentos subjetivos, *O retrato do rei* propicia uma perquisição por novos ângulos da história, suscitando indagações e abrindo possibilidades para outros entendimentos, que não o instituído. Tal dinâmica representa o desafio de ressignificar acontecimentos passados e já incorporados como verdades incontestáveis dando-lhes outro sentido. Ao problematizar as representações sociais do passado a partir de referenciais do presente, sua narrativa extrai da história novas significações, abrindo-se à novas prospecções e elucubrações.

Esta postura pós-moderna de busca por uma ampliação da compreensão sobre a realidade que nos cerca, proporciona um olhar para “o passado com os olhos do presente, inquirindo sobre a dita verdade por detrás dos fatos expressos” (FERREIRA, 2010, p. 13). Através desse viés perscrutador, podemos ser levados a refletir e a nos posicionar de forma mais efetiva ante as reverberações políticas da época. E por meio da arte e de relatos de um passado instituído, perceber o potencial crítico que a história nos apresenta.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Eduardo José. **A guerra dos emboabas**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1996. pp. 165-196.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**: Tratado de Sociologia do Conhecimento. Editora Vozes: Petrópolis, 2004.

CAMPELO, Álvaro. **Lendas do Vale do Minho**. Valença, Associação de Municípios do Vale do Minho, 2002, pp.101-103. Disponível em: www.lendarium.org > Narratives tagged with “portugueses”. Acesso em: 24/10/2019.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**. Aspectos da cultura popular no Brasil. Editora Brasiliense: São Paulo, 1996.

CLÜVER, Claus. Inter textus / inter artes / inter media. In: **Revista Aletria**. Jul/Dez de 2006. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/poslit>. Acesso em: 15/01/19.

-----, -----, Intermidialidade. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG**. Belo Horizonte, v. 01, nº 02, Nov. de 2011.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FARIA, Breno Marques Ribeiro de. As primeiras imagens do rei. In: **Revista de História da Arte e Arqueologia**, nº22, jul/set 2014, artigo 03.

FERREIRA, Antônio Sérgio. Relações entre literatura X história. In: **Diálogos Acadêmicos**. Revista Eletrônica da Faculdade Semar/Unicastelo. Publicação Quadrimestral, Volume 1, Número 1, Edição Outubro de 2010. Disponível em: uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627110749.pdf. Acesso em: 04/01/20.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

GOMES, Antonio Marcos Tosoli *et. al.* Historicidade, conceitos e procedimentos da análise do discurso. In: **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, 2017; 25: e12913. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/.../21717>. Acesso em: 18/10/19.

HALL, S. **Identity: The real me**. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987.

-----, **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LOBO, Luiza. O romance de história das mentalidades e as Terras proibidas. In: **Revista da Academia Brasileira de Filologia**. v. 9, p. 148-156, 2011. Disponível em: www.filologia.org.br/abf/rabf/9/148.pdf. Acesso em: 18/01/20.

LOUVEL, Liliâne. Nuanças do pictural. In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira (Org.). **Intermidialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea**. Tradução de Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

-----, -----, A 'descrição pictural': por uma poética do iconotexto. In: ARBEX, Márcia (Org.). **Poéticas do visível: ensaios sobre a escrita e a imagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, 2006. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/site/e-livros/Po%C3%A9ticas%20do%20vis%C3%ADvel%20ensaios%20sobre%20a%20escrita%20e%20a%20imagem.pdf>. Acesso em: 05/01/20.

MAIA, Cristina Reis. A construção das personagens: diálogos interdisciplinares entre literatura e história em uma análise de *Desmundo* e *O retrato do rei*. In: OLIVEIRA, Paulo César S. (org.). **VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS**. São Gonçalo: Faculdade de Formação de Professores/ UERJ, 2015. Disponível em: <https://literaturafalarapiraca.files.wordpress.com/2017/08/livro-completo-vi-sel-2015>. Acesso em: 14/10/19.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alberto Caeiro 158, 161, 163

Alciene Ribeiro 120, 121, 123, 124, 126

Ana Miranda 98, 101

Antoine de Saint-Exupéry 29, 41

Aprendizagem 18, 20, 21, 25, 26, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57

B

Bolívia 1, 2, 3, 5, 6

Brasil 1, 2, 3, 6, 17, 45, 47, 48, 49, 51, 53, 56, 62, 70, 83, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 110, 118, 119, 121, 129, 137, 140, 143

C

Ciberespaço 83, 85, 88, 89, 90, 91

Cidade 15, 58, 60, 64, 69, 73, 75, 76, 103, 118, 121, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144

Ciência 26, 28, 32, 33, 70, 93, 101, 114, 117, 152, 155, 165, 166, 169, 170, 171, 172, 173

Conto 38, 47, 56, 120, 123, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139

Criança 5, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 86, 117, 160

Cultura 1, 2, 3, 5, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 27, 30, 51, 59, 61, 70, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 96, 105, 110, 112, 129, 133, 136, 145, 165, 172

D

Daniel Kehlmann 165

Desenvolvimento 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 45, 46, 47, 48, 51, 55, 56, 57, 58, 62, 70, 84, 85, 86, 87, 90, 102, 105, 133, 134, 169, 170

Drummond 24, 149, 150, 153, 154, 155, 157

E

Educação infantil 10, 13, 14, 17, 18, 21, 23, 27, 28, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Ensino 3, 7, 20, 21, 23, 28, 43, 44, 45, 49, 51, 55, 56, 58, 60, 62, 63, 65, 69, 70, 72, 88, 141, 174

Erotismo 97, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 157

Escola 2, 5, 7, 8, 9, 10, 14, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 28, 50, 51, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 67,

68, 69, 70, 85, 88, 117, 118, 128, 141

Ésquilo 71, 72, 73, 74, 75, 76, 80

Existência 3, 21, 26, 29, 30, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 48, 59, 60, 61, 64, 77, 103, 107, 114, 115, 132, 143, 146, 159, 163, 168

F

Fala 1, 2, 3, 6, 7, 12, 13, 22, 24, 25, 28, 45, 48, 61, 67, 128

Filosofia 7, 8, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 72, 78, 80, 81, 82, 131, 160, 161, 164, 169

França Pinto 141, 144

Fronteira 1, 3, 139

J

José de Alencar 92, 93, 95, 96

Justiça 6, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 115

Juventude 83, 85, 86, 87, 91, 143, 146

L

Leitura 3, 7, 15, 16, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 45, 47, 48, 49, 52, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 78, 83, 85, 88, 89, 90, 91, 100, 109, 114, 116, 122, 129, 150, 171

Linguagem 1, 2, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 22, 25, 26, 28, 30, 47, 53, 60, 61, 99, 100, 109, 111, 132, 149, 163, 170, 172

Literatura 1, 2, 3, 7, 13, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 27, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 98, 100, 109, 111, 113, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 137, 139, 140, 143, 145, 157, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174

Literatura contemporânea 127, 128, 129

Literatura infantil 18, 19, 21, 22, 23, 26, 27, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 55, 56, 57

M

Machado de Assis 113, 114, 118, 129

Metaficção histórica 98, 104

Modernismo 69, 111, 149, 150

Mortalidade materna 92, 93, 96

Mundo 1, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 15, 19, 20, 21, 22, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 55, 59, 60, 61, 62, 63, 84, 86, 88, 90, 91, 101, 105, 106, 107, 121, 134, 151, 156, 157, 158, 160, 161, 164, 165, 167, 168, 170, 171, 172, 173

O

Ontologia 2, 8, 29, 36, 158, 160, 161, 162, 163

P

Paternidade 113, 117, 118

Patriarcado 113, 114, 115

Paul Ricoeur 71, 72, 78, 80, 82

Perda gestacional 92, 93, 95, 96

Poesia 8, 15, 17, 24, 25, 27, 29, 59, 134, 135, 141, 144, 149, 152, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164

R

Realismo 69, 128, 129

Romantismo 69, 93, 142

Rubem Fonseca 127, 128, 129, 130, 137

S

Século XXI 83, 91, 167

Seringueiro 1, 2, 3, 5, 6

Servidão 120, 122, 125

Submissão 1, 10, 43, 71, 83, 103, 120, 122, 124, 125, 127, 149, 165

T

Tradição oral 10, 11, 13, 14, 16, 45

U

Urbano 86, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137

V

Viagem 106, 117, 165, 166, 167

Vingança 71, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 151

Violência 77, 78, 79, 104, 107, 108, 126, 127, 128, 132, 133, 137, 138, 139, 140, 151, 152



Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br